

## ENTRE O RURAL E O URBANO: A INVENTIVIDADE LEXICAL DE BRAZ JOSÉ COELHO

### BETWEEN THE RURAL AND THE URBAN: THE BRAZ JOSÉ COELHO'S CREATIVITY LEXICAL

Gabriela Guimarães JERONIMO  
Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”  
UNESP-Campus Araraquara  
[gabriela.ggj@gmail.com](mailto:gabriela.ggj@gmail.com)

Mariana Moretto GEMENTI  
Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”  
UNESP-Campus Araraquara  
[mariana\\_moretto@hotmail.com](mailto:mariana_moretto@hotmail.com)

**Resumo:** Entendemos que o processo de criação de novas unidades lexicais é o meio de renovação do Léxico de uma dada língua. Este movimento pode acontecer por motivações externas à língua, ou seja, extralinguísticas, como a necessidade de nomear algo novo, geralmente, por meio das regras de formação de palavras oferecidas pelo sistema linguístico. É a partir desta perspectiva que embasamos nossas reflexões no decorrer deste trabalho, cuja proposta é trazer a discussão a respeito da produção neológica no âmbito da literatura, através das criações do escritor goiano Braz José Coelho. Neste ínterim, pudemos conhecer e apresentar suas obras *A obrigação da Inquietude* (2010) e *Raízes do tempo* (2012), dentre as quais selecionamos os neologismos que constituem o *corpus* de análise deste estudo.

**Palavras-chave:** Léxico; Neologia Literária; Braz José Coelho.

### BETWEEN THE RURAL AND THE URBAN: THE BRAZ JOSÉ COELHO'S CREATIVITY LEXICAL

**Abstract:** We consider that the process of creating new lexical units is how the lexicon of a given language is updated. This process may have motivations that are external to the language, that is, extralinguistic ones, such as the need to name something new, normally through the rules of word formation provided by the linguistic system. This is the perspective that supports our considerations throughout this paper, whose objective is to explore neurological production in literature by analyzing the creations of Braz José Coelho, a Brazilian writer from the state of Goiás. Meanwhile, we also look into his following works *A obrigação da Inquietude* (2010) and *Raízes do tempo* (2012), from which we selected the neologisms that form the corpus analyzed in this paper.

**Keywords:** Lexicon; Literary Neology; Braz José Coelho.

#### Introdução

“[...] Jogos de palavras  
mensagem vazia?  
Haverá um vazio  
na mensagem dita  
que com símbolos se cria?”  
(COELHO, 2010, p. 9)

Pretendemos apresentar as obras *A Obrigação da Inquietude e Raízes do tempo* de Braz José Coelho e o processo de criação e renovação lexical presente nestas obras literárias. Analisamos os neologismos criados pelo autor, enquanto resultado de uma adaptação de recursos de que dispõe o vasto e aberto inventário lexical da língua portuguesa falada no Brasil.

Sentimo-nos motivados a propor um estudo relacionado à neologia literária nas referidas obras do escritor goiano, por dois aspectos: além da inventividade lexical presente nas suas criações, não encontramos estudos que se referissem a estas obras literárias; outra peculiaridade que nos despertou interesse é a temática rural voltada para a vida interiorana no sudeste do estado de Goiás, provavelmente entre os anos de 1950 e 1990.

No que diz respeito às abordagens de investigação da obra, optamos por selecionar algumas das criações neológicas do autor, descrevê-las e analisá-las quanto ao seu processo de formação, visto que a neologia lexical em obras literárias aponta mais que um importante material para estudos da língua; é, antes, uma possibilidade de compreender a estilística literária enquanto um recurso da inventividade dentro das possibilidades morfolexicais de uma dada língua.

Antes de continuarmos as discussões concernentes ao conceito de neologia na seção *A língua e suas possibilidades*, faz-se necessário conhecermos o autor das obras das quais nos servimos para constituição do *corpus* que analisaremos posteriormente na seção *As combinações morfológicas de Braz*.

Braz José Coelho nasceu no dia 30 de julho de 1938, na cidade de Bonfim, hoje, cidade de Silvânia (Goiás), mas passou boa parte de sua infância no município de Ipameri (Goiás), mais precisamente, na fazenda Duas Pontes. Depois, mudou-se para o município de Catalão, também no interior de Goiás, onde concluiu o curso ginasial. Posteriormente, foi para Agudos como estudante eclesiástico, mas acabou retornando a Catalão e se formando em Contabilidade. Em seguida, mudou-se para Uberlândia (MG) para cursar Direito.

Desenvolveu seus primeiros estudos na cidade de Catalão e, futuramente, transferiu-se para Goiânia, capital do estado, onde graduou-se em Letras Vernáculas pela Universidade Católica de Goiás. Defendeu a dissertação de mestrado no ano de

1974, na Universidade Federal de Goiás. Lecionou em vários colégios de Goiânia e nas Universidades Católica e Federal. Doutorou-se em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista, *Campus* de Araraquara.

Atualmente, está vinculado apenas à Universidade Federal de Goiás-Regional Catalão, desenvolvendo projetos de pesquisa, ministrando aulas, orientando alunos tanto na graduação em Letras quanto no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.

Estreou na Literatura em 1971, com a obra *Peonagem e Cabroeira* (contos). Sua produção literária varia entre temáticas rurais e urbanas. Também publicou vários livros de contos, poesia e linguística.

As obras *A Obrigação da Inquietude* (2010) e *Raízes do tempo* (2012), respectivamente, um livro de poemas e o outro de crônicas, foram premiadas pelo Programa<sup>1</sup> *Catalão em Prosa e Verso*, sendo que a seleção dos trabalhos a serem publicados ficou sob a responsabilidade da Academia Catalana de Letras<sup>2</sup>.

Braz, como é mais conhecido, além de saber como era a vida na roça, em seus tempos de menino, no interior do estado de Goiás, vivenciou boa parte do que lhe serviu de inspiração. Além disto, também tem um grande conhecimento teórico no que diz respeito à língua, especificamente, ao português falado no Brasil, objeto de seus estudos e projetos desenvolvidos no decorrer de sua carreira. Desta forma, sabemos que seus neologismos não se tratam de criações despropositadas ou voltadas exclusivamente à estética literária; temos um escritor consciente das possibilidades que a língua oferece para a formação de novas palavras.

## **1. A língua e suas possibilidades**

A língua está em constante mudança e renovação. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas, tornando-se arcaicas, há uma grande quantidade de unidades lexicais sendo criadas pelos falantes para suprir as necessidades da língua. Segundo

---

<sup>1</sup> Programa instituído pelo Município de Catalão pelo Decreto nº 1978, de 30 de abril de 2008, e alterado pelo Decreto, nº 1433, de 24 de maio de 2010.

<sup>2</sup> A Academia Catalana de Letras foi fundada no ano de 1973, por Cornélio Ramos e, segundo seu criador, com a preciosa e determinada colaboração de Monsenhor Primo Vieira e Júlio Pinto de Melo. A Primeira Diretoria–Fundadora ficou assim constituída: eleita em 18 de junho de 1973 e empossada em 20 de agosto de 1973.

Boulanger (1979), as línguas que permanecem vivas são as que se modificam, seguindo o curso do tempo, que se adaptam às circunstâncias e às novas necessidades, sem serem mumificadas por um conservadorismo e um purismo excessivo.

Segundo Carvalho (1989), a criação de palavras em diversas áreas do conhecimento tem como objetivo oferecer novos conceitos sobre o universo e, assim, acompanhar a evolução humana. Além disso, os novos itens léxicos, como resultantes da criatividade linguística, são também consequência da criatividade humana.

Portanto, neologismos são novas palavras criadas num determinado universo de discurso e, ao processo de criação lexical, dá-se o nome de neologia. Desta forma, concordamos com Barbosa (2001), que o neologismo enquanto fato linguístico e cultural pode ser caracterizado como instrumento de uma ideologia, de um determinado momento da história, tornando assim, signos-símbolos de certas facetas culturais, pois novas unidades léxicas surgem de acordo com as necessidades do meio social.

Para Boulanger (1979), o neologismo é uma unidade lexical de criação recente que pode ser uma nova aceção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e aceito numa língua.

No caso das esferas de especialidade, que podem se tratar de uma técnica ou ciência (geografia, informática, alta-costura, construção civil, etc.), no processo de originação de novos termos, encontramos os neônimos (tecnoletos), que são elementos resultantes da neónimia, como explica Barbosa (2001) ao afirmar que os neônimos são palavras criadas por um grupo restrito de especialistas de seu universo de discurso específico, de modo que o neologismo e o neônimo são isomorfos quanto ao processo de estruturação, ou seja, ambos são termos distintos, mas possuem o mesmo tipo de relações combinatórias, em que os neologismos

[...] são produzidos concomitantemente a recortes culturais, articulados aos quais sustentam a 'visão de mundo' e o sistema de valores de uma comunidade linguística, a partir da análise dos dados da experiência comuns e gerais, do grupo social; neônimos são gerados, via de regra, no âmbito de um grupo restrito de especialistas, do seu universo de discurso específico – tecnoleto – , correspondem a recortes culturais efetuados – como re-recortes procurados – sobre uma zona bem delimitada e circunscrita da substância semântica, sustentam uma 'visão de mundo' segunda, obrigatoriamente de caráter metalinguístico [...] (BARBOSA, 2001, p. 46).

Assim, a unidade léxica criada por especialistas – o termo ou unidade terminológica – não faz parte de um acordo tácito entre os falantes, algo novo é criado e precisa ser nomeado e, dependendo do caso, institucionalizado para que haja uma padronização, como o nome dos medicamentos, por exemplo. No caso dos neologismos produzidos no âmbito de uma comunidade de falantes, o processo é distinto, não necessariamente por questões morfolexicais, mas pelo modo que este novo item léxico será ou não incorporado à língua geral. Podemos dizer que a unidade terminológica passa pela desneologização mais rapidamente, porque a etapa da “aceitação” é quase inexistente, visto que a nomeação é decidida pelo grupo de especialistas de forma expressa e, depois, repassada para a sociedade. No entanto, quando estamos lidando com itens lexicais que surgem por necessidades socioculturais a “aceitação” por parte dos falantes acontece de forma tácita, o que definirá se determinada palavra será ou não integrada à sua fala cotidiana.

Entretanto, é preciso salientar que não é pelo fato de a palavra ter caráter inédito que ela passa a ser imediatamente considerada neológica. É importante ter em mente que existem vários momentos importantes na criação do neologismo: **i.** o instante mesmo de sua criação; **ii.** o momento pós-criação (que se refere à aceitabilidade por parte da comunidade de falantes, bem como a inserção no léxico de um grupo linguístico); **iii.** o processo de desneologização. Com isso, concordamos com Barbosa (2011) que, na criação, devem-se distinguir duas fases: aquela que considera o neologismo no instante em que é produzido no quadro enunciativo e aquela em que é apreendido e registrado pelos falantes-ouvintes do grupo.

Segundo Barbosa (2011), ao ser criado, o neologismo, se aceito pelos falantes, é inserido ao conjunto das unidades léxicas memorizadas. No entanto, este novo item léxico é incorporado à língua geral somente se o seu uso se generalizar a ponto de torná-lo uma palavra disponível, pelo menos, a um grupo de indivíduos e, conseqüentemente, ser utilizada numa frequência maior (o processo de desneologização). Caso contrário, há uma rejeição natural ou intencional, de modo que a nova palavra desaparece ao nascer. Como discutimos acima, a questão da aceitabilidade está relacionada ao processamento no meio social, não depende da vontade individual, mas de um consenso social e cultural. Assim, nos casos em que houver aceitabilidade pela comunidade, o neologismo passa pelo processo de desneologização, ou seja, é incorporado ao inventário das

unidades léxicas memorizadas entre os falantes, adequando-se à norma e, em alguns casos, podendo ser inseridas nos dicionários.

De acordo com Alves (1990), tal fato é chamado de “sentimento de neologia” e afirma que não basta criar o neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É a comunidade linguística quem decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma, a partir do uso do elemento neológico ou pela não-difusão. Além disso, a autora afirma que alguns fatores extralinguísticos como político, econômico e cultural influenciam nesse processo, o que nos autoriza a afirmar que, muitas vezes, há uma arbitrariedade na escolha das palavras que serão inseridas no dicionário.

A arbitrariedade acaba trazendo algumas dificuldades no processo de identificação de um neologismo, pois o primeiro passo é a consulta ao dicionário, questão que aprofundaremos melhor na próxima seção.

Por este motivo, alguns estudiosos, como Barbosa (2001), consideram relativo o conceito de neologismo, para a autora não podemos tomar uma conceituação como absoluta, de modo que a nova palavra pode ser analisada por quatro perspectivas: a diacrônica (processo em que o neologismo percorre ao longo do tempo); a diatópica (transmissão de um neologismo pertencente a uma determinada norma regional para outra distinta); a diastrática (a migração do neologismo acontece entre classes sociais distintas); e a diafásica (o neologismo técnico-científico, que já passou pelo processo de desneologização na sua área específica, é adotado em outra área de conhecimento com outro significado).

Barbosa (2001) e Alves (1990) explicam que, dentre os processos de criação neológica, há o neologismo fonológico, neologismo semântico, neologismo sintático, sintagmático e neologismo alogênético.

O neologismo fonológico consiste em um processo no qual a mudança ocorre no significante da palavra, resultando em uma forma inusitada na língua até aquele dado momento de sua criação, acrescentando apenas as duas subdivisões deste tipo de processo: o neologismo fonológico específico e o complementar que correspondem, respectivamente, à combinatória inédita de fonemas, distribuído também em duas subclasses (*ex-nihilo* e onomatopaico), e combinatória inédita de morfemas.

Diferentemente do fonológico, o neologismo semântico é gerado a partir de palavras já existentes, a mudança acontece no seu significado (conceito), correspondendo assim ao novo recorte cultural em que foi inserido. Dessa forma,

Dentre os mecanismos que engendram neologismos semânticos, destacamos o emprego conotativo de um lexema, o deslocamento de semas no eixo da especificidade semêmica, a transposição de um lexema, de um universo de discurso para outro, o emprego com desfoque semântico de um lexema, a conversão categorial, processos esses sempre situados nas tensões dialéticas sistema/contexto enunciativo e consenso/especificidade (BARBOSA, 2001, p. 41).

No entanto, a identificação de um neologismo semântico deve ser realizada minuciosamente, pois, em muitas ocasiões, estaremos diante de um caso de polissemia, como salienta Rocha (2008). Estamos lidando com este processo de formação de palavras apenas quando a unidade léxica estiver se desvinculado do sentido básico inicial, conservando apenas a sequência fonética e morfológica, adquirindo, assim, um significado inusitado.

Há também os neologismos formados por derivação e composição, que seriam respectivamente, os que se originam através da combinatória lexicalizada de signos mínimos e os originários da combinação de vocábulos, sendo classificados por Barbosa (2001) como neologismos sintagmáticos, resultantes da combinação de elementos já existentes na língua.

Porém, Alves (1990) classifica os neologismos formados por derivação, como neologismos sintáticos, abordando as formações por composição separadamente. Segundo a autora, encontramos novas palavras criadas pelo processo de derivação prefixal (união de um prefixo a uma palavra base) em que podem ocorrer mudanças na classe gramatical, como o caso de um prefixo unido a uma base substantiva, podendo atribuir-lhe função adjetiva e mesmo adverbial.

Alves (1990) argumenta também sobre a derivação sufixal, em que são encontrados os sufixos nominais, formadores de substantivos e adjetivos, e os sufixos verbais, formadores de verbos, e os adverbiais que, unindo-se a bases adjetivas femininas, formam advérbios.

As formações neológicas parassintéticas ocorrem quando um prefixo e um sufixo juntam-se simultaneamente a uma base nominal, sendo fundamental que os dois afixos (prefixo e sufixo) incorporem-se ao mesmo tempo à palavra-base. É importante apontar que não podemos confundir a derivação parassintética com a derivação prefixal

e sufixal pois, na primeira, a palavra só terá sentido completo com a presença dos dois afixos, de modo que, se retirado de sua estrutura o prefixo ou o sufixo, o seu sentido é alterado e gramaticalmente é tida como palavra nova; no segundo processo, a palavra base possui os dois afixos mas, na ausência de um deles, ainda haverá sentido.

Para Alves (1990), os neologismos formados por composição implicam uma justaposição de bases autônomas ou não autônomas. A unidade léxica composta, que funciona morfológica e sintaticamente como um único elemento, não costuma manifestar formas recorrentes, o que a distingue da unidade constituída por derivação. Dentre as composições, podemos encontrar a composição subordinativa que ocorre entre dois substantivos, na ordem determinado seguido de determinante ou vice-versa, com o determinante exercendo a função adjetival; a composição coordenativa, formada por justaposição de palavras que possuem a mesma função sintática e a composição satírica, que são neologismos criados com o intuito de chamar a atenção do leitor, muitas vezes com sentido cômico e irônico.

Ao contrário dos processos composicionais apresentados, a composição pode ocorrer entre bases não autônomas ou entre uma base autônoma e uma base não autônoma, ou vice-versa. Geralmente, possuem origem erudita, grega ou latina, as bases não autônomas compõem itens léxicos característicos de vocabulários especializados.

Há também a composição sintagmática que, segundo Alves (1990), processa quando os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semântica, de forma a constituírem uma única unidade léxica.

A composição sintagmática caracteriza-se por determinar uma ordem constante a suas unidades formadoras: à base determinada segue-se a determinante, que pode ser introduzida por uma preposição. No interior do sintagma, os componentes do léxico conservam as relações gramaticais características da classe a que pertencem. E, por fim, a composição por siglas ou acronímica, resultante da junção das iniciais do sintagma, formando assim a sigla, a fim de promover uma economia discursiva e que, fazendo parte do domínio popular, geram os derivados de siglas.

Ainda sobre a composição, Kehdi (2002), além de discutir sobre a composição por justaposição, aponta a composição por aglutinação, que ocorre quando os vocábulos ligados se fundem num todo fonético, com um único acento, e o primeiro perde alguns



elementos fonéticos (acento tônico, vogais ou consoantes), como por exemplo as palavras *boquiaberto* e *pernalta*.

Para Alves (1990), a derivação conversiva, conversão ou também denominada derivação imprópria, designa um tipo de formação pelo qual uma unidade léxica sofre alterações na classe gramatical. Trata-se de uma mudança de função sintática, um advérbio que passa a funcionar como substantivo, por exemplo.

Por fim, estão os neologismos alogenéticos ou formados por empréstimos, que são, basicamente, como uma unidade lexical nova, emprestada de outro sistema linguístico e sociocultural. Segundo Barbosa (2001), a adoção do novo item léxico compreende várias etapas e nas várias fases por que vai passando, nesse processo de adoção, assume características diversas, segundo o grau de aceitabilidade, o grau de assimilação do grupo e sua integração às estruturas da língua receptora.

Portanto, ao criar um neologismo, o falante tem, muitas vezes, plena consciência de que está inovando, gerando novas unidades léxicas, quer pelos processos de formação vernaculares, quer pelo emprego de estrangeirismos.

Além do tipo de processo de formação de palavras, como os descritos acima, na neologia literária, devemos fazer a leitura e apreensão da temática da obra, para que possam ser apreendidos os efeitos de sentido produzidos, pois, neste caso, as criações são realizadas em favor da estética literária, em que o autor tem a intenção de alcançar maior expressividade. Por isto,

[...] desde que se queira analisar neologismos criados para textos literários, deve-se tanto lançar mão de uma análise morfológica quanto de uma análise estilística, uma vez que, no discurso literário, são exploradas as potencialidades expressivas das palavras (IGNEZ, 2009, p. 29).

Devido a esta peculiaridade, é necessário compreender, primeiramente, a literariedade com que estamos lidando, por meio de uma leitura atenta aos rastros poéticos deixados cuidadosamente ao longo do texto (conto, poema, crônico, romance, etc.).

Vale ressaltar, que o neologismo literário é um acontecimento único e exclusivo, ele não se repete e, dificilmente, se tornaria parte do léxico utilizado pelos falantes de uma comunidade, ou seja, o processo de desneologização, geralmente, não ocorre. O seu engendramento é resultado da criatividade do escritor que, ao atender as necessidades da sua imaginação, produz novas combinações morfológicas. Assim,

chegamos à estilística, em que cada artista tem o seu estilo de escrita e é da língua e suas possibilidades que se servem para conceber o seu modo único de fazer arte com palavras.

## 2. As combinações morfológicas de Braz

As obras do escritor *A obrigação da inquietude*<sup>3</sup> e *Raízes do tempo*, que selecionamos para este estudo, trazem uma temática que aborda ora a vida na roça, ora na cidade, além de diversas reflexões a respeito das relações humanas ou de questões teóricas, provavelmente por influência de sua formação acadêmica. A primeira é composta por setenta poemas, em que alguns são metapoemas. A segunda é uma coletânea de quarenta e três crônicas. Em ambas as obras, tanto os poemas quanto as narrativas não foram intituladas, sendo apenas enumeradas.

No que se refere à metodologia que utilizamos, primeiramente, realizamos a leitura e exegese das obras, para melhor apreendermos a sua temática; em seguida, fizemos uma leitura voltada especificamente para a seleção dos possíveis neologismos, em que identificamos sessenta e cinco novas unidades léxicas prováveis (vinte e seis em *A obrigação da Inquietude* e trinta e nove em *Raízes do tempo*); posteriormente, consultamos três dicionários gerais da língua, pois “[...] consideramos como neológicos os itens lexicais não registrados no dicionário [...]” (ALVES, 1990, p. 10).

Quanto aos dicionários, consultamos nesta ordem: o *Vocabulário Portuguez & Latino: aulico, anatomico, architectonico* (1712-1728), de Raphael Bluteau, para verificarmos se havia algum caso de arcaísmo; o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (1943), de Hidelbrando de Lima e Gustavo Barroso, por ter sido publicado cinco anos após o nascimento do autor; e o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2009), cuja versão eletrônica foi publicada um ano antes do lançamento de *A obrigação da inquietude* e três antes de *Raízes do tempo*. Além disto, muitos dos escritos do autor estão datados, alguns produzidos no ano de 1977, o que comprova que após trinta e dois anos, suas criações conservam o *status* neológico.

Após a consulta ao acervo lexicográfico, das sessenta e cinco unidades lexicais, permaneceram vinte e seis consideradas, assim, neologismos. No que se refere aos tipos

---

<sup>3</sup> Durante as análises, utilizamos uma sigla para nos referirmos às obras, assim, para *A obrigação da inquietude* colocaremos (AOI) e para *Raízes do tempo* (RT).

de processo, identificamos: dez formações por sufixação, nove por prefixação, quatro por composição por justaposição, duas por composição por aglutinação e uma por prefixação e sufixação. Deste modo, para análise, selecionamos<sup>4</sup> uma ocorrência de cada um destes processos.

**Autormentados** – neologismo identificado no poema 54 (AOI), em que o eu-lírico descreve como é o dia na cidade, desde o despertar das manhãs até o anoitecer. Considerar que, neste caso, *auto-* poderia ser um alomorfe de *ato-* facilitaria nossa análise, pois é uma possibilidade. Outra análise possível seria tratá-lo como uma derivação por prefixação e sufixação, em que *auto-* seria o prefixo anexado à palavra base *tormenta* e *-ado* o sufixo.

No entanto, por estarmos lidando com um texto literário, fomos conduzidos para outro caminho, a partir do seguinte contexto: “E prossegue na roda do dia – o ponto de ônibus as ruas cheias de carros autormentados nervosos cansados resmungando raiva de um viver corrido mecânico, mecanizado, corroído [...]” (COELHO, 2010, p. 79). Nossa hipótese é que esta unidade neológica é formada pelo processo de composição por aglutinação através da junção das unidades léxicas *automóvel* e *atormentado* (**auto<sup>5</sup>móvel + atormentado > aut~~o~~tormentado > autormentados**). Ao invés da opção pela construção *automóveis atormentados*, criou-se a nova palavra dando mais poeticidade ao verso do poema o que, de certa forma, não deixa de ser também uma economia linguística.

**Embochechei** – construção neológica encontrada na crônica 42<sup>6</sup> (RT), em que o narrador, inicialmente em primeira pessoa, conta sobre a vez em que laçou uma rês no braço.

Sobre o processo de formação deste neologismo, pela anteposição do prefixo *em-* à palavra base *-bochechar*, temos a derivação por prefixação. No trecho: “[...] assim que nem formiga pra arrastar na chinha boi de era e nervaturas comandando afoiteza.

---

<sup>4</sup> Ressaltamos que, ao transcreevermos os trechos das obras em análise, os mantivemos conservados de acordo com a escrita do autor.

<sup>5</sup> antepositivo, com o valor de 'automóvel' (1866, no fr. *automobile* 'que se move por si mesmo'), oriundo de **aut(o)-**, ver, por braq. mais ou menos internacional, como o nosso *auto*; com esse sentido particular aparece em um número expressivo de pal. ger. do sXX: *autobomba, autobonde, autobus, autocaminhão/autocamião, autocanhão, autocarga, autocarro, autódromo, auto-escola, auto-estrada, autogasôgeno, autogasógeno, autolotação, automobilismo, automobilista, automobilístico, automobilização, automobilizar, automotor, automotriz, automóvel, auto-ônibus, autopeça, autopipa, autoplano, autorama, auto-serviço, autotanque, autotransporte, autotrém, autoveículo, autovia, autoviação* (HOUAISS, 2009, versão eletrônica).

<sup>6</sup> Escrito no dia 14 de janeiro de 1977, numa terça-feira.

Embochechei, pisando planta toda dos pés pra pegar o prumo no serviço [...]” (COELHO, 2012, p. 105), podemos compreender que o acréscimo desse prefixo se explica, porque o lexema *bochechar* remete ao movimento que as bochechas fazem ao agitarmos um líquido dentro da boca, mas, aqui, este movimento é resultado do esforço físico que o narrador deveria fazer para conseguir capturar o animal; portanto, *embochechar* pode ser definido como a ação de inflar as bochechas com ar.

**Engrisalhad**os – encontrado na crônica 36<sup>7</sup> (RT), o narrador, em terceira pessoa, conta a história de dona Maria Bogue, uma senhora muito à frente do seu tempo, e seu filho Ursesindo, mais conhecido como Pacéia, filho bastardo do avô do narrador. Localizado neste trecho: “[...] Era baixinha, andava geralmente descalça ou com uma precata de couro cru que ela mesmo fazia, um lenço na cabeça escondendo os cabelos já engrisalhados [...]” (COELHO, 2012, p. 85), este neologismo formou-se pelo processo de prefixação e sufixação, em que foram anexados à palavra base *grisalho*, o prefixo *en-* e o sufixo *-ado*, empregado para descrever a personagem Maria Bogue. Cumpre dizer, também, que ocorreu um processo fonológico, a assimilação da vogal média-alta posterior /o/ para a vogal baixa central /a/ a partir da junção do sufixo à palavra base (*grisalho + ado*).

Não o consideramos uma derivação parassintética, porque diferentemente de casos como *subterrâneo*, em que não seria possível desmembrar um dos afixos da palavra base, em se tratando da unidade léxica em análise, tanto o sufixo quanto o prefixo poderiam ser retirados – *grisalhado* e *engrisalha* são morfológica e semanticamente aceitáveis – visto que não estamos levando em consideração apenas a simultaneidade dos afixos, mas também as questões semânticas, pois concordamos com Kehdi (2007), que este também é um critério importante.

**Muscularidade** – criação de Braz presente no poema 66 (AOI), cuja temática é a saudade da pessoa amada, foi encontrado no seguinte verso: “[...] no corpo uma dor de muscularidade ferida [...]” (COELHO, 2012, p. 98). Temos, aqui, uma derivação por sufixação, em que o sufixo *-dade* foi anexado à palavra base pelo acréscimo da vogal de ligação *-i* (*muscular + i + dade*), em que, do adjetivo *muscular*, derivou o substantivo abstrato *muscularidade*. Além disto, este neologismo é parte integrante da locução substantiva *dor de muscularidade*.

---

<sup>7</sup> Escrito no dia 30 de março de 2007, numa sexta-feira.

**Quarto-prisão** – produção neológica formada por meio da composição por justaposição, seguindo a estrutura determinado (quarto) e determinante (prisão), originando, assim, um substantivo composto (substantivo + substantivo). Encontra-se presente na crônica 34<sup>8</sup> (RT), especificamente no trecho: “Raramente conseguia escapar de seu quarto-prisão. E quando isto acontecia, fechavam-se as casas; e os mais corajosos corriam atrás dele, com laço de laçar boi; até pegá-lo e amarrá-lo todinho e arrastá-lo para sua casa novamente [...]” (COELHO, 2012, p. 82).

Esta narrativa traz a história de dona Leonídia e seu filho conhecido como o “louco da Leonídia”. Por ter problemas mentais, a mãe o deixava trancado o tempo todo dentro de um quarto pois, quando o rapaz fugia, se assustava com as pessoas na rua e ficava muito agressivo. Por isto, o local onde ele costumava passar os seus dias, não era simplesmente os seus aposentos, mas sua prisão perpétua, daí, a origem de *quarto-prisão*.

### **Considerações finais**

A partir deste estudo, pudemos conhecer e apresentar, duas, das obras literárias do escritor goiano Braz José Coelho, o livro de poemas *A obrigação da Inquietude* (2010) e a coletânea de crônicas *Raízes do tempo* (2012). Além disto, tivemos a oportunidade de vivenciar, mesmo que através da imaginação apenas, um pouco da realidade das pessoas que ficavam circunscritas à vida no campo e, mesmo aquelas que se mudavam para a cidade, mantinham seus costumes, como a criação de porcos no quintal de casa, por exemplo.

No que se refere aos neologismos que foram analisados na seção anterior, entendemos que, além da necessidade humana de compreender o mundo ao nosso redor por meio do processo de nomeação do universo extralinguístico que nos circunda, na neologia literária, a motivação é, especialmente, artística. Ao buscar no léxico de uma dada língua, o signo linguístico que melhor expresse aquilo que se quer dizer, o escritor pode não encontrar aquele que se encaixaria perfeitamente para a construção do efeito catártico que se deseja causar no leitor. Assim, outra busca é realizada, desta vez, nas possibilidades combinatórias oferecidas pelo sistema para a criação de novas palavras.

Entretanto, sabemos que este processo não está restrito apenas aos escritores. Novas palavras estão sendo criadas constantemente pelos membros da comunidade

---

<sup>8</sup> Escrito no dia 16 de março de 2007, numa sexta-feira.

linguística, pois é a partir desta renovação lexical que as línguas sobrevivem. Desta forma, unidades lexicais podem: arcaizar-se; passar pelo processo de ressemantização; desaparecer por, muitas vezes, ficarem circunscritas à oralidade; ou serem criadas a partir das regras de formação de palavras. Por isto, a necessidade de consultarmos dicionários produzidos em épocas diferentes, visto que um acervo lexicográfico dificilmente conseguirá estar atualizado. Assim que é finalizado, outras milhares de palavras já foram criadas e é por meio deste movimento que a língua de um povo se constitui e, por gerações, perdura.

## Referências

- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- ASSIS, A. B. G. de. *Adaptações fonológicas na pronúncia de estrangeirismos do Inglês por falantes de Português Brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – FCL/UNESP, Araraquara, 2007.
- BARBOSA, M. A. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. vol. I. 2. ed. Campo Grande-MS: EDUFMS, 2001. p. 33-51.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário Portuguez & Latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 volumes. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/edicao/1>.
- BOULANGER, J.C. (Org.) *Néologie en marche*. Montreal: Office de la Langue Française, série b, n.4, 1979.
- CARDOSO, Elis de Almeida; CONDÉ, Valéria Gil. *Modelos de análise linguística*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 29-45.
- CARVALHO, N. *Empréstimo linguístico*. São Paulo: Ática, 1989.
- COELHO, Braz José. *A obrigação da inquietude*. Catalão: Kaio Gráfico e Editora Ltda, 2010.
- COELHO, Braz José. *Raízes do tempo*. Catalão: Academia Catalana de Letras, 2012.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, versão eletrônica.
- IGNEZ, A. F. O romance: a formação neológica de adjetivos. In: GIL, Beatriz Daruj; CARDOSO, Elis de Almeida; CONDÉ, Valéria Gil. *Modelos de análise linguística*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 29-45.
- KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 2002.
- LIMA, H. de; BARROSO, G. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1943.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2008.